

AUTONOMIA E SUBMISSÃO FEMININA NAS PÁGINAS DE A ESTAÇÃO

ISABEL CADORE BOLIGON¹;
JURACY ASSMANN SARAIVA

¹Universidade Feevale – isabel.cadore@hotmail.com
Universidade Feevale – juracy@feevale.br

INTRODUÇÃO

A presente comunicação analisa, sob a perspectiva da ideologia, a revista *A Estação* e a representação da mulher, aí instituída, bem como a participação feminina no *Suplemento Literário*.

O periódico *A Estação* foi uma publicação quinzenal, distribuída pela tipografia *Lombaerts*, do Rio de Janeiro, que circulou regularmente no Brasil, no período de 15 de janeiro de 1879 a 15 de fevereiro de 1904, sendo uma continuação da publicação francesa *La Saison*, aqui disponibilizada entre 1872 e 1878. A revista era composta por duas partes: uma referente à moda, assumidamente importada da França, ainda que era traduzida da revista alemã *Die Mondewelt*; outra parte, dedicada à literatura, impressa especialmente para os periódicos editados para o Brasil, contando, para tal, com a colaboração de autores renomados da literatura brasileira. Entre esses autores, constata-se a presença de mulheres que nela publicavam artigos, caso atípico, considerando-se o contexto brasileiro da segunda metade do século XIX, em que a participação feminina no mundo cultural era escassa.

A comunicação se justifica, pois, pela evidência histórica de *A Estação*, que se destaca por sua atuação na promoção da leitura como valor cultural e pelo espaço conferido a mulheres que publicaram na revista como precursoras no âmbito literário, ocupado majoritariamente por homens.

METODOLOGIA

Este estudo é de natureza bibliográfica e baseia-se em pesquisa sobre o contexto histórico e sociocultural do Rio de Janeiro, no século XIX, e na análise dos periódicos da revista *A Estação* publicados de 1879 a 1904, período de circulação da revista no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Num contexto de transição política e social, a Tipografia H. Lombaerts pôs em circulação a revista *A Estação*, cuja proposta editorial não enfocava as crises políticas e econômicas, os inequívocos problemas educacionais, visto que se detinha na divulgação da moda internacional, na promoção de valores e costumes europeus, bem como na disseminação da prática de leitura e da importância da literatura. Entretanto, embora estivesse parcialmente imune às circunstâncias sócio-históricas, o periódico encontrava eco nas aspirações da emergente classe burguesa, que se identificava com o modo de vida que ele representava.

Os valores manifestados na revista *A Estação*, entre os quais os da elegância e do bom gosto, encontravam, no Brasil, um público constituído pela emergente classe burguesa, que se identificava com os padrões da cultura europeia. O subtítulo do periódico – “Jornal ilustrado para a família” – assinalava a

valorização do núcleo familiar, em que a mulher constituía o alicerce da formação de crianças e jovens, e explicitava, ainda, sua orientação moralizante. Esse posicionamento ideológico encontrava, portanto, no público feminino seu receptor ideal, o que fica evidente nos textos que invocavam as leitoras, bem como nas ilustrações de moda, em que predominavam figuras do sexo feminino e nas quais as imagens de crianças ajudavam a compor a representação do ideário burguês.

O *Suplemento Literário* de *A Estação* foi introduzido em março de 1879 e viria a contribuir para o sucesso do periódico, conferindo-lhe, também, um caráter localista. A iniciativa visava alcançar um público mais abrangente, uma vez que a publicação de narrativas literárias em jornais aumentava o número de leitores, granjeava mais anunciantes, favorecendo, ainda, os escritores, que ganhavam maior visibilidade.

O Suplemento publicava novelas, contos, romances, poemas, críticas e crônicas teatrais, resenhas de obras literárias e sugestões de leitura, além de notícias, relatos de viagens, seções de entretenimento, obras pictóricas, partituras musicais, conselhos sobre utilidades domésticas.

A produção literária era assinada por renomados escritores brasileiros como Olavo Bilac, Raymundo Correa, Arthur Azevedo, Luiz Guimarães Junior, Luiz Delfino, Raimundo Correa, Lucio de Mendonça e, o já citado, Machado de Assis, além de inúmeros outros, cujos nomes deixaram de ser representativos. Júlia Lopes de Almeida, Ignez Sabino Pinho Maia, Julieta de Mello Monteiro e Presciliana Duarte são alguns nomes de escritoras que publicaram no *Suplemento Literário* da revista, e são as publicações dessas mulheres o foco de análise do presente trabalho.

A inclusão de imagens de mulheres no *Suplemento* enfatiza a orientação da revista para o público feminino e revela a intenção de salientar a importância das mulheres no quadro cultural da época e estimular a formação de leitoras e de apreciadoras de arte. Nesse sentido, a revista *A Estação*, ao mesmo tempo em que instruía as leitoras a serem boas mães, esposas e zelosas ao lar, reforçando a concepção do feminino característica da época, também estimulava, por meio do incentivo à prática da leitura, da divulgação de imagens de personagens femininas influentes, a busca, pelas mulheres, de novos papéis na sociedade.

Inúmeras foram as dificuldades que as mulheres tiveram de enfrentar para se tornarem escritoras e não mais subservientes à autoridade masculina. Confinadas aos limites do espaço doméstico, excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos e do processo de criação cultural, precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam em seus enredos apenas como “bonecas frágeis”, doces criaturas e guardiãs do lar para assim, “adquirir alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionava” (PRIORE, 2011, p.409). Para a mulher, escrever e publicar eram atos de bravura.

Onze escritoras brasileiras, desde 31 de março de 1882 a 15 de março de 1896, são responsáveis por publicações na *Estação*, fato incomum considerando-se o espaço rarefeito que era destinado ao sexo feminino, no âmbito da cultura, na segunda metade do século XIX.

Ao analisar as publicações femininas no *Suplemento Literário*, nota-se claramente o padrão romântico que era vigente na literatura do século XIX. A aparição de temas como o casamento e o amor demonstra a convergência com os valores burgueses expressos no *Suplemento de Moda* e em outros textos, até mesmo não literários, do *Suplemento Literário*.

A idealização da natureza, tema recorrente nos poemas expostos pelas autoras, também está presente nas telas e ilustrações apresentadas no

Suplemento. Tal concordância denota o padrão afirmado pela revista e adotado pelas escritoras.

O individualismo, expresso no apelo a emoções e sentimentos, é manifestado frequentemente nos textos das autoras. O eu lírico expõe, nos poemas, a preocupação com seus anseios e angústias pessoais, sem se importar com “o outro”. Da mesma forma, a revista dissemina valores individualistas na supervalorização da moda, na busca incessante da beleza feminina e na despreocupação com o contexto político e social do país.

Consequentemente, não se percebe, na escrita das escritoras, a autonomia feminina que era pregada na revista e em outros veículos de disseminação cultural. Entretanto, é importante ressaltar que o ato de escrever e publicar era, sim, uma forma de romper com as amarras que mantinham as mulheres nos limites do lar e que comprova a tentativa de conquista do universo das letras, espaço antes destinado apenas aos homens. Ademais, essas mulheres foram exemplares para que as leitoras de *A Estação* ampliassem seu horizonte de expectativas e percebessem que poderiam se dedicar a outros afazeres femininos, além dos domésticos.

CONCLUSÕES

Após a análise das edições da revista *A Estação*, evidencia-se o seu valor histórico, ao influenciar a concepção da identidade nacional brasileira, que assimilava modelos europeus e os adaptava ao cotidiano, em uma época de instalação de novos comportamentos sociais.

Nesse sentido, a revista enfatizava o papel da mulher na sociedade carioca do século XIX, a qual deveria ser guardiã do lar e da família, submissa às ordens do marido. Contudo, também estimulava, por meio do incentivo à prática da leitura, da divulgação de imagens de personagens femininas influentes, a busca, pelas mulheres, de novos papéis na sociedade.

Conclui-se que, embora fossem submissas à ideologia divulgada pela revista, as escritoras buscavam a emancipação feminina pelo próprio ato de escrever e publicar, considerando-se o espaço limitado que as mulheres tinham no âmbito social e cultural da sociedade do Rio de Janeiro. Entretanto, apesar da evidência da presença de mulheres escritoras no século XIX, as obras que tratam da história e da formação da literatura no Brasil, omitem sua participação, o que, de forma alguma, significa que elas não foram importantes na trajetória da literatura brasileira. A perspectiva literária canônica ignorou a representatividade dessas escritoras que, entretanto, por meio de suas obras, interferiram no contexto sociocultural e atuaram para a mudança de comportamento de outras mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A *ESTAÇÃO*. Disponível em: <<http://www.emerotecadigital.bn.br>> Acesso em: out. e nov. de 2014.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 412. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=BCz9BWA_BRLQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 30 de maio de 2012.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernando. *O império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PRIORE, Mary Del (Org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.